

Vol 6 Issue 12 Sept 2017

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Dr. T. Manichander

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMAR LAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V. MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
Awadhesh Kumar Shirotriya	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S. KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept. English, Government Postgraduate College , solan

More.....



TRABALHO, LAZER E O RENOVAR DAS EMOÇÕES: AS ATIVIDADES COMUNITÁRIAS NA ZONA RURAL DE MANAUS-AM

Águida Meneses Valadares Demétrio¹ and Dra. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa²

¹Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM

²Pós-doutora, Pesquisadora e Docente do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM.

ABSTRACT

Life is usually shared between work and leisure. But there are times between one and other that there are intermediaries called semi-leisure or bricolage. On the countryside areas of Manaus city, Amazon State. There is no offer of consolidated public entertainment policies and Leisure comes in the midst of work. The methodology was ethnographic with the technique of participant observation at the TarumãMirim Settlement Project in Manaus. Where were analyzed these intermediaries activities with women organized in a group that had donated their time to cook, and also work in a group to make manioc flour [“work in group” it is called in amazon’s Portuguese dialect “puxirins”]. The activities were performed in free time, and people voluntarily participated in the group. It Became clear that the interconnection of the renovates of the emotions through well-being in both activities. In this case, the renovate of the emotions happen in different activities from the ones who live in the urban areas such as the bricolages that involved work and leisure simultaneously. It was found a renovate dialogic of emotions at the productive activities for the community.



KEYWORDS: Leisure; job; Semi-leisure; Bricolage; voluntarily.

INTRODUÇÃO

Iniciamos concordando com Lombardi (2005): o lazer é tão fundamental quanto o transporte, a educação, a moradia, a saúde, o saneamento básico e a alimentação para a vida de todo e qualquer ser humano, sendo assegurado pela Constituição da República Federativa do Brasil, no seu art. 6º, capítulo II – Dos Direitos Sociais (Brasil, 1988). O trabalho, por sua vez, é para dar o sentido de produtividade em contexto profissional e/ou econômico.

As atividades realizadas entre o intervalo de tempo do trabalho remunerado e o tempo livre possuem definições tais como trabalho não profissional ou atividades intermediárias. São definições diversificadas, dependendo de quem aborde o tópico, porém o sentido é um só: o que fazemos entre trabalho e lazer, em que ocupamos o tempo, que nem seja trabalho oficial, nem diversão. Essas atividades podem ser praticadas em conjunto ou individualmente. O importante é que provocam o renovar das emoções, permitindo-nos satisfação e bem-estar.

Para Bramante (1998):

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializado através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada,

predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômicos e influenciados por fatores ambientais (Idem, p. 09).

Nessa interseção, um elemento torna-se aparente e essencial: a quebra de rotina, através de *bricolagens*, *semilazer*¹ ou outras denominações. *Bricolagem* foi relatada por Levi-Strauss, antropólogo francês, na obra *O pensamento selvagem*, de 1962, publicada no Brasil em 1976, para descrever uma ação espontânea. Outra tendência veio dos Estados Unidos, decorrente do encarecimento da mão de obra. O processo de *bricolagem* está relacionado com o conceito de DIY (*Do It Yourself*), que significa “faça você mesmo”, uma concepção criada nos Estados Unidos, na década de 1950. Em muitos casos, o método de *bricolagem* funciona como hobby, proporcionando momentos de prazer e satisfação em quem o executa. Na sociologia do lazer, a *bricolagem* tem sentido idêntico ao *semilazer*, que Dumazedier (1973, p. 117) definiu como: “as atividades executadas não para atenderem a uma necessidade, mas sim aquelas feitas de boa vontade e consideradas por quem as executa como atividades de descanso ou relaxamento”, ou seja, é a elaboração de tarefas executadas no seu tempo livre, resultando quebra de rotina, a diferenciar das tarefas profissionais ou domésticas. A *bricolagem* é explicada pela complexidade de Morin (2014), concebendo uma relação recíproca em diversos âmbitos, em uma polarização complementar.

Dumazedier (1973) cita, ainda, que muitas experiências dentro dos interesses culturais manuais do lazer teriam dupla função: de gratuidade na sua essência (um dos fatores fundamentais do lazer) e de utilidade no seu processo (uma das características mais próximas ao mundo da obrigação/trabalho). Essa dupla função provoca a sensação de bem-estar causada por uma experiência simplória: frente a um desafio aceito (livre escolha), munido de conhecimentos e habilidades específicas (competência ótima), com os recursos necessários (equipamentos essenciais), a exercer um ciclo completo de começo (desafio), meio (processo), e fim (solução) de uma experiência de “lazer” ou, nesse caso, de “semilazer”, dado o contexto utilitário de sua finalidade. Tal atividade provoca a sensação de bem-estar causada por uma experiência simplória, quer na própria execução da tarefa, quer na transferência de saberes. Os trabalhos voluntários encontram-se circunscritos nas execuções do tempo livre, por não apresentarem qualquer caráter de necessidade ou obrigação (idem, ibidem, p. 270), não visarem à obtenção de pagamento na sua execução, colocarem-se à margem das obrigações familiares. São desinteressados.

Uma cultura popular é ao mesmo tempo uma cultura de aceitação e uma cultura de negação, em um vai-e-vem de interposições, em uma dialógica, ou seja, duas lógicas, dois princípios, unidos, porém sem que a dualidade se perca nessa unidade (MORIN, 2014, p. 189), o que leva uma mesma prática a ser interpretada como participando de suas lógicas opostas. A atividade de *bricolagem* nas classes populares pode ser analisada como dependente da necessidade, como um prolongamento da alienação do trabalho, pois o próprio operário seria obrigado a realizar o que ele não tivesse condições de adquirir. Em outras análises, ele realizaria a *bricolagem* por não saber fazer do seu tempo livre outra coisa diferente de um tempo de trabalho (CUCHE, 2002, p. 155).

Na obra *Sociologia Empírica do Lazer*, de Dumazedier (2008, p. 99), dentre os cinco tipos de lazer, destacam-se os lazeres práticos, conhecidos como atividades manuais (*bricolagem*, jardinagem, costura, marcenaria, entre outros), praticados com finalidades de entretenimento e diversão. Trata-se do prazer de manipular, explorar e transformar a natureza. Conforme Zioli (2015, p. 59), na sua dissertação sobre o lazer dos agricultores familiares, os lazeres práticos muitas vezes são percebidos como atividades utilitárias, podendo de certa forma colocá-los numa linha muito tênue entre lazer ou semilazer e as obrigações familiares.

Pelas concepções de Elias e Dunning (1992, p. 147), essa atividade é classificada como Atividade Intermediária, no subgrupo Trabalho Particular, servindo para atender as necessidades de formação, autossatisfação e autodesenvolvimento, tais como: participação em questões locais, atividades de caridade, fotografia amadora, trabalho em madeira etc. Outros pesquisadores afirmam que a *bricolagem* é também uma criação livre, em que o indivíduo é o dono da gestão de seu tempo, da organização de sua atividade, da elaboração do produto final. Isto explica o sucesso da *bricolagem*, ao reintroduzir um espaço de autonomia em

um universo de obrigações.

Rotina, segundo Houaiss (2010), é a prática mecânica de certas ações. Na concepção de Elias e Dunning (1992, p. 115), a rotina refere-se à maneira como a mecanização e a racionalização conduzem à monotonia e ao caráter repetitivo, nas tarefas do trabalho, que originam sensações de aborrecimento naqueles que as realizam.

A cessação de atividades impostas pelas obrigações profissionais, familiares e sociais leva os indivíduos à busca de alternativas para amenizar o estresse, através da quebra de rotina. Essa ruptura não é praticada somente por alguns privilegiados, mas agora para uma massa de indivíduos (DUMAZEDIER, 1973, p. 265) em busca do renovar das emoções (Elias, 2011).

Elias e Dunning (1992, p. 115) esclarecem que a rotina global e as restrições estão em condições de engendrar uma *secura* de emoções, um sentimento de monotonia, devido ao controle das emoções e à repetição das atividades praticadas, porque não é na qualidade do trabalho, mas sim na intensidade dos sentimentos existentes naqueles que o executam que se avalia o caráter da monotonia. Essa monotonia estimula à busca pela excitação, nem sempre categorizada como lazer.

Estas observações levaram esta pesquisa, tendo como objetivo identificar “gatilhos” que acionam o renovar das emoções dos agricultores familiares, moradores de um assentamento da zona rural em Manaus-AM, e quais as principais atividades intermediárias, ou *bricolagem*, mais praticadas na comunidade a propiciar bem-estar e relaxamento.

Apesar de o lazer historicamente adquirido ser um dos direitos sociais assegurados pela Constituição da República Federativa do Brasil, tão fundamental quanto a educação, o saneamento básico, a moradia, o transporte, a saúde e a alimentação, é válido assinalar que no projeto de assentamento Tarumã Mirim não detectamos nenhum investimento fornecido por políticas públicas estaduais e/ou municipais que possibilite o lazer ou outras atividades similares que instiguem ao renovar das emoções em caráter comunitário, restando aos assentados criarem formas específicas e peculiares defavorecer a socialização e a inter-relação entre as pessoas.

Ao nos reportarmos ao termo “renovar das emoções”, recordamo-nos do tema em três oficinas da Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Cardinale Baptista (Dr^a. em Ciências da Comunicação, Pós-doutoranda do PPGSCA-UFAM, docente sênior da UFAM, professora e pesquisadora do PPGTUH de Turismo e Hospitalidade do Curso de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul-RS), ministradas na Universidade Federal do Amazonas, sobre Criação e Produção de Textos Científicos. Nelas, o âmagô era “amorosidade” na escrita científica, instigando-nos a migrar da escrita “dura” que a metodologia nos engessa para uma escrita mais amorosa, livre, suave, que proporciona prazer na escrita e na leitura. Em conformidade com suas falas, quando conseguimos unir o “aqui” com o “acolá”, formamos uma dimensão onde a ciência pode transitar sustentada pelo conhecimento do passado com as descobertas do presente, entre o lúdico da expressão a amenizar a “secura” metodológica. Isto é formar a passarela para o futuro. Mas para tal temos que escrever, e conformea Prof^a. Dr^a. Mencionou, escrever dói, porque escrever é se decompor, é se expor, e nem sempre a exposição é tão fácil, e quase nunca é indolor, e escrever com amorosidade pode ainda ser considerado irreverente (ou arriscado – grifo nosso – porque alguns indivíduos podem considerar esse aspecto como perda de cientificidade).

Compormos este artigo com “amorosidade” demandou complexidade, seguindo os trâmites da Prof^a. Dr^a. Cardinale, nas linhas intrínsecas entre amor e ciência, quando ela menciona que metodologia pode ser poesia, porque essa via metodológica para se atingir algo tem um quê poético que rege a escrita e a pesquisa, em uma sinfonia entre o que nos instiga, nos intriga e nos incomoda, pois desses incômodos nascem os nossos melhores brotos, que nos levam a buscar respostas para aquelas hipóteses que sempre carecem de aprofundamentos científicos. Nesse entrelaço entre absorver e praticar, procuramos remodelar este artigo, do seu “corpo duro” em que se encontrava anteriormente, para um relato a transitar entre cientificidade e amorosidade.

As falas dos entrevistados alteraram-se das formatações de citações curtas ou longas para diálogos, contendo os mesmos “achados científicos”, porém com um “corpo” amável, em que a emoção se apresenta nítida nos contextos observados, nas análises da quebra de rotina, da *bricolagem* e do lazer, em que procuramos adicionar uma “porção” de naturalidade, uma “pitada” de empirismo com uma “dose” de poesia.

Geralmente associamos a quebra de rotina a quando ocorrem momentos de lazer. Porém nesse artigo nos referiremos à *bricolagem*, ou semilazer, observada em diversos momentos na pesquisa de campo para a dissertação "Lazer e agricultura familiar: complementares ou antagônicos nos aspectos socioeconômicos no projeto de assentamento Tarumã Mirim?".

As emoções carregam a sua própria medida interna de valor (JAMES, 2008), porque cada emoção é o resultado de uma soma de elementos subjetivos, e cada elemento causa um tipo de processo fisiológico conhecido. Ao nos referirmos à renovação das emoções, lidamos com a sensação de bem-estar, conforto e satisfação. As emoções nos levam a níveis paradoxos, que vão do emudecimento à exultação, dependendo da intensidade e do momento. Citamos um pequeno trecho da descrição de Elias e Dunning (1992, p. 82), no momento de um determinado concerto:

O pulso acelera, a mão esquerda do músico torna-se uma mancha assim que os dedos do pianista correm de um lado para o outro do teclado. O momento construído para a série final e acordes triunfantes: Tatah! Tum tummmm! O violinista esboça uma longa e intensa inflexão para baixo; ao desprender os seus braços estes voam, exultando, para o ar.

Então: incômodo silêncio, um pouco de tosse, algumas mudanças de posição nos lugares; o solista olha para o chão; o braço inclina-se para baixo. Para retomar a sintonização, uma nota ou acorde do pianista, assim que os executantes retomam alento do intenso excitação que construíram sem que se desprendesse uma resposta de confirmação.

As emoções encontram-se ativamente tendentes ao agradável, a um processo fisiológico descrito como êxtase, apreciado e ansiado pelos indivíduos, na busca de excitações e no renovar das emoções. Elias e Dunning (1992, p. 116) "tempera" a descrição desses sentimentos ao nos afirmar que "a excitação é o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos", proporcionando bem-estar e alegria.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS PARA A PESQUISA DE CAMPO

Este artigo derivou do projeto de pesquisa "Lazer e agricultura familiar: complementares ou antagônicos nos aspectos socioeconômicos no projeto de assentamento Tarumã Mirim?", avaliado e aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, CAAE 51295515.9.0000.5020 e número de parecer 1.350.135/15.

O levantamento geral da pesquisa foi com os 70 assentados (um por lote), calculado por amostragem estatística, e com 14 cozinheiras. O nome real da comunidade foi substituído por um acrônimo², e para a identificação dos participantes entrevistados utilizamos as siglas ENT-1 a ENT-70 para os proprietários dos lotes e TRU-1 a TRU-16 para as cozinheiras voluntárias. A pesquisa de campo foi realizada no projeto de assentamento rural Tarumã Mirim, na comunidade Afatam, através do método etnográfico, que consiste em relatar os hábitos, a cultura e as tradições de uma determinada população (MALINOWSKI, 1978). Nesse tipo de pesquisa, Malinowski (1978, p. 31) recomenda ao etnógrafo que de vez em quando deixe de lado máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo, tomando parte nas atividades, passeios, ou sente-se com os sujeitos de pesquisa, ouvindo-os e participando das suas conversas. Se a etnografia é uma descrição densa e os etnógrafos são aqueles que fazem a descrição, então a questão determinante é fazer as transcrições de forma concisa e minuciosa, tentando salvar o "dito" (GEERTZ, 2008, p. 12-15) no discurso, diferenciando as diversas interpretações das piscadelas³, porque às vezes o "dito" o é dito de forma que não representa a realidade vivenciada, instigado somente pelo momento da entrevista.

Na coleta de dados foi usada a técnica da observação participante. Esta técnica possibilita captar tanto o dito quanto o não dito, porém detectado, por encontrar-se a pesquisadora (primeira autora) inserida na comunidade, possibilitando ver, ouvir, sentir, captar e entender as palavras e expressões, conforme esclarecimentos de Malinowski (1978). Oliveira Filho (1999, p. 212) orienta que as narrativas etnográficas sejam escritas na primeira pessoa, pois o olhar etnógrafo descreverá as diferenças e a variação no outro, observadas in loco. A partir do exposto, uso "eu" nos momentos específicos da pesquisa de campo, retornando à primeira pessoa do plural – "nós" – nas análises e interpretações dos dados coletados, que foram procedidas juntamente com a coautora deste trabalho.

A metodologia para esta tarefa foi observar os comportamentos, falas, ações. Também registramos situações em que palavras, embora não pronunciadas, foram captadas, tais como expressões, situações vivenciadas entre eles, emoções aparentes etc., através da observação participante, ao presenciar seus risos, pilhérias, descontrações, procurando interpretar as “piscadelas” que ocorriam nas entrelinhas entre o “dito” e o “não dito”.

A coleta de dados transcorreu em dois momentos específicos, selecionados por incluir, em conformidade com Dumazedier (1973), as características da atividade intermediária/*bricolagem*, a saber: a livre escolha; a necessidade de conhecimentos e habilidades específicos para a execução; as ferramentas ou equipamentos essenciais; a gratuidade na elaboração; o exercer um ciclo completo de começo (desafio), meio (processo) e fim (solução). As duas situações que possibilitaram as observações acerca do tema abordado foram:

a) em instalações da Associação de Moradores da Comunidade Afatam, formada por 15 mulheres, denominada Trupe da Boia⁴. Elas cozinham para 13 trabalhadores da Secretaria Municipal de Infraestrutura de Manaus (SEMINF) quando estes recuperavam as vicinais da comunidade, e sete membros da associação que acompanhavam a execução desses trabalhos nas estradas, pelo período de dois meses. Essas 15 mulheres (e mais esta pesquisadora) cozinham no acampamento da associação de moradores daquela comunidade, por duas semanas cada equipe, totalizando dois meses, em caráter voluntário. Ao final do período de cada equipe, pedi que me relatassem as suas experiências, através de três perguntas, cabendo-se respostas abertas, que foram as seguintes:

- A experiência ajudou a socialização entre vocês, estreitando os laços de amizade?
- Vocês se divertiram, mesmo trabalhando?
- Quebrou a rotina anterior, da vida de vocês?

Fazer parte da rotina diária daquelas mulheres, no intuito de uma melhor inserção na comunidade, me propiciou materiais muito originais em relação àquilo que me propus analisar, bem como para um diagnóstico mais sucinto sobre a quebra da rotina no contexto das atividades intermediárias entre o trabalho e o lazer; percebi que “vivenciar”, no dia a dia, proporcionaria melhor veracidade aos fatos pesquisados. Enquanto estive observando, não utilizei notebook, caderno, nem gravador (exceto ao final de cada quinzena trabalhada pela equipe), com receio de inibir, coibir ou tendenciar o comportamento natural daquelas mulheres.

b) nos puxirum da farinha, quando os excedentes da mandioca se transformavam em inseticidas, adubos, carrapaticidas. A detentora do conhecimento transmite seus saberes populares. O puxirum (ou mutirão) é o ajuntamento de pessoas para executar uma tarefa, originada quer da necessidade, quer do desejo de alguém, em que o pagamento da diária se dá através da troca do serviço, e não através de dinheiro. Os puxiruns tradicionais, executados no decorrer do dia, possuem os seus adeptos (MATOS, 2015). Neste levantamento foi observado um puxirum de excedentes da mandioca.

Ao incluir as duas ações específicas nos aspectos do semilazer foram observados alguns parâmetros específicos: a gratuidade na sua essência, pois nenhum deles recebeu pagamentos financeiros pelo que foi desenvolvido; foi um desafio aceito (partiu da livre escolha de cada um); estavam munidos de conhecimentos e habilidades específicos (a inexperiência não geraria eficiência, pois necessitou de competência ótima); possuíam os recursos necessários (os equipamentos essenciais foram caldeirões, conchas, facões, raladores, fornos etc., e o espaço físico adequado); exerceram um ciclo completo de começo (desafio), meio (processo) e fim (solução); a representação da gratuidade e o prazer em executar, transformando-se em elemento que se traduz entre trabalho e lazer; a exigência de perseverança, competência e participação nas questões sociais locais (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 147).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

a) A trupe da boia

Na formação das equipes para aquele trabalho voluntário, as discussões foram acaloradas até que os grupos se definissem, porém o riso e o renovar das emoções se tornaram aparentes. Para cada equipe houve uma denominação, advinda inclusive das características de cada líder: 1ª equipe: Elegância, 2ª equipe: Boca Porca, 3ª equipe: Subchefe Poderosa, 4ª equipe: Sargentão. Padeiras, pratos, caldeirões, risos, pilhérias e expectativas formavam os elementos socializadores na sede da associação da comunidade. A primeira equipe a executar o trabalho foi a equipe Elegância. Cozinhar em acampamento para 20 pessoas (13 funcionários da SEMINF e sete membros da comunidade) exigiu experiência e eficiência. Para o primeiro dia da “trupe”, as brincadeiras assolaram na cozinha. Piadas, causos contados entre pilhérias, experiências e descontrações.

Percebi que entre elas a intimidade já vinha de longa data; captei, entre os diálogos traçados, os conhecimentos sobre filhos, maridos e cachorros. No vai e vem de panelas e cozinheiras, tudo tinha sabor de novidade. Percebi a desenvoltura nos trâmites culinários, para um café da manhã bem reforçado: uma preparando o café, outra se envolvendo com o cuscuz, outra fritando ovos. A última componente da “trupe” preparava a mesa, limpando-a, colocando xícaras, pratos, colheres, para que o desjejum fosse consumido. Por ser o primeiro dia da “labuta”, captei também traços de expectativas entre elas, porém não se alterou a alegria e a descontração entre todas. Às 8 horas a Kombi com os trabalhadores surgiu na ladeira. Observei-as. Todas tensas, olhando para a equipe se aproximar. Os trabalhadores chegaram e sentaram-se à mesa; enquanto todos se serviam do desjejum, entre elas observei aquele sentimento “de agradar”. Durante 15 dias a rotina foi similar, porém, à medida que transcorriam os dias, as expectativas foram reduzindo, e, ao final da quinzena, percebi que o cansaço amortizava a sensação de novidade observada no início dos trabalhos. Ao final, inquiri-as sobre a experiência vivenciada naquele período.

– *Esses dias trabalhando juntas ajudou nos nossos relacionamentos, sim. Antes a gente já era bem conhecida. Eu já ia na casa delas, elas iam na minha... Sou madrinha do menino mais velho de TRU-3. TRU-2 e TRU-4 também já são velhas conhecidas, por isto que na reunião, pra formar as equipes, nós resolvemos ficar juntas. Já conheço a manha delas, mas agora estamos mais unidas, mais juntas. (TRU-1)*

– Por que você acha, TRU-1, que agora vocês estão mais “unidas”?

– *Porque nós vivemos uma experiência e tanto aqui nessas duas semanas cozinhando. Por sermos a primeira equipe a cozinhar, nós tínhamos que ser o modelo, a referência, entendeu? Já pensou se tivéssemos sido uns desastres?*

– Mas o que poderia ser desastroso, na sua opinião, aqui no acampamento?

– *Queimar o feijão, salgar demais a carne, fazer arroz “prega”. Que cartaz feio pra nós que seria isto, heim? Mas, graças a Deus, tudo deu certo.*

Ao inquirir as outras três, as respostas foram bem parecidas, corroborando a fala de TRU-1.

– Vocês se divertiram, mesmo trabalhando? – perguntei-lhes.

– *Ichi! Nos divertimos demais. Foi bem legal. – responderam-me de forma unânime.*

– E o cansaço, onde entra nessa história?

– *O cansaço entrou “de sola” (risos). Porque o trabalho nosso não foi só aqui. Nós trabalhávamos aqui e, quando chegava em casa, tinha mais trabalho. Era trabalho dobrado. Então o cansaço veio. Normal. Principalmente nos últimos dias foi mais cansativo, inda mais que todo dia a gente tinha que inventar uma comida diferente, pra não enjoar. E as opções não eram muitas. Cozinhar pra cinco pessoas é uma coisa, cozinhar pra 20 é outra. Não dá pra fazer um bifinho, um filezinho de peixe. É só panelão de comida. Então foi também um grande desafio.*

– Quebrou a rotina anterior da vida de vocês? – perguntei-lhes.

– *Quebrou... E como quebrou... Nada era igual.*

– Mas como não era igual, se todo dia tinham que cozinhar, igual na casa de vocês?

– *Porque não era lá em casa, não era pra meu marido, eu não estava sozinha. – disse-me TRU-1.*

– *Não era igual porque eu não estava cozinhando da minha despensa. Era da despensa da associação. E também o que TRU-1 falou, não era pra mim e pra minha família, era pra um montão de gente. E eu nunca tinha*

cozinhando de montão assim. – explicou-me TRU-4, informação reforçada por TRU-2 e TRU-3.

– Foi bom pra vocês? – perguntei, sem nenhuma malícia. As gargalhadas foram estrondosas, com um cunho de irreverência.

– *Foi muito bom. Valeu, sim. Foi uma experiência danada de boa, apesar de cansativa. Nos primeiros dias até que não me cansei tanto. Era novidade. Mas na segunda semana foi “broca”, nos últimos dias eu já estava doida que acabasse, sabia?(TRU-3)*

No primeiro dia da equipe Boca Porca, na preparação do almoço, as pilhérias embalaram o tinir nas panelas e os ticados dos temperos. Observamos que TRU-5 tinha técnica “muito bem elaborada” com um facão, cortando o frango em pequenos pedaços, independentemente se na junta ou não do galináceo. Ssslaap! E o pedaço se partia. As pilhérias naquela equipe eram “picantes”, daí a origem do nome da equipe. Como eu já tinha “experiência” a observação tornou-se mais fácil. O que percebi de diferente desta para a equipe anterior (equipe Elegância)? A falta das musiquinhas, que a primeira equipe geralmente entoava, orquestrando os trabalhos na cozinha. A forma de cozinhar também não era a mesma. Enquanto a equipe Elegância refogava muito bem os alimentos, fazia “arroz frito”, a Boca Porca jogava os alimentos diretamente na panela, e os temperos (cebola, alho) por cima, fazendo arroz “tibungado”⁵, que tinha um aspecto de papa.

Uma das características bem marcantes desta equipe: o palavreado chulo⁶, as encenações obscenas, diferentemente da anterior, que apresentava uma elegância natural no falar e agir. Utilizando uma comparação muito conhecida, era como se mudasse da água para vinho. Porém, independentemente dos aspectos comportamentais opostos, todas estavam se divertindo. Com o transcorrer dos dias, percebi que as brincadeiras foram amainando; os risos, diminuindo; os semblantes, aparentando cansaço. Ao final da quinzena, pedi-lhes que me respondessem aos mesmos questionamentos; antes, porém, perguntei o que motivou a escolha da equipe:

– *Olha, vou lhe explicar. Eu tenho a “boca porca”, todo mundo sabe que sou desbocada⁷, então, pra conviver comigo, tem que ser parecida comigo, senão fica doida. Por isto que ficamos nós quatro aqui. A gente é parecida. A gente já se conhece um tempão. Encarar essa tarefa com pessoas “cheias de dedos”, toda melindrosa, não ia dar certo, não. Nós quatro somos “desbocadas”, não somos metidas a besta. (TRU-5)*

Concordei sobre o seu “diagnóstico” de “boca porca”. Puxa vida! Se alguém falava algo engraçado, era motivo para um palavrão. Se queimava o dedo, palavrão... Se o tempero estava bom, mais uma enxurrada de palavras escabrosas... Não percebemos irritabilidade, tensão ou má vontade entre elas. As organizações das tarefas não estavam bem delimitadas, como na equipe elegância, porém as refeições ficavam sempre prontas no tempo previsto. Ao inquirir-lhes se foi divertido e se quebrou a rotina anterior da vida delas, as respostas foram esclarecedoras:

– *Foi muito bom. A diversão tá é aqui. Nesse fim de mundo não tem nunca nenhuma novidade, é só aquele marasmo. Acha que vou perder a oportunidade de sair da rotina? Vou é m... (TRU-5)*

– Mas e o cansaço? Sei que não é nada fácil cozinhar para 20 pessoas. Nada mais justo que ir pra casa, tomar um banho, e descansar.

– *Acha que quem tem nove filhos tem descanso? Vai esperando! Por isto que tive nove filhos, pra os mais velhos cuidarem dos mais novos (risos). Não vou criar raízes dentro de casa, não. Isto aqui é que foi diversão. Cansaço, mas também foi muito bom. Aqui não tem muita coisa que a gente pode fazer pra sair da rotina, então aproveitei cada momento disto aqui. (TRU-6)*

– Me tirem mais uma dúvida, meninas. Por que as malícias estão sempre presentes nos diálogos?

– *Para provocar o riso, e rir é divertido. A malícia faz a gente se sentir viva. E pra mudar da rotina lá de casa, já que... (TRU-5)*

E as referências de cunho pessoal foram motivo para mais explosões de risos entre todas. Perguntei-lhes se, após muitos dias na labuta, o entusiasmo diminuiu.

– Diminuiu, sim, porque já estava caindo na rotina. Mas o que nós fazemos aqui é o mesmo que nós fazemos em casa, então o labor é o mesmo, mas a rotina não é a mesma, porque são outras pessoas, outro lugar, outra motivação, outra emoção. (TRU-7)

Outras também se prontificaram a dar o seu testemunho:

– Quebrou a rotina... E como quebrou... Nada era igual. Era outra situação, e eu não estava sozinha na lida. Valeu a experiência, sim. Foi uma experiência danada de boa, apesar de cansativa. Nos primeiros dias até que não me cansei tanto. Era novidade. Só no final que eu me cansei mais. Foi divertido. Foi uma diversão muito boa. Inesquecível mesmo. Nesse fim de mundo não tem nunca nenhuma novidade, é só aquele marasmo. Acha que vou perder a oportunidade de sair da rotina? (TRU-6)

– Nós fazemos aqui o mesmo que nós fazemos casa, como disse minha amiga, mas termina não sendo a mesma coisa, porque são outras motivações, ver gente diferente. É outra emoção. Mesmo tendo que trabalhar, era tudo muito divertido. Tivemos momentos de tensão, principalmente quando a TRU-7 deixou queimar o arroz, mas até isso foi interessante, porque foi muito engraçado ela tentando tirar a “catinga do danado”, porque não dava tempo de cozinhar outro. Vamos sentir saudades dessas duas semanas. Aprendemos inclusive que, se fatiar rodelas de cebola dentro do arroz queimado, a catinga some (risos). (TRU-5)

– Então... Quando a gente faz uma coisa pro bem comum, parece que é mais prazeroso... E, respondendo sobre a quebra de rotina, falo como as meninas, quebrou a rotina, mesmo. Fazemos aqui o mesmo que fazemos em casa, mas só de ser no meio da bagunça, da turma toda, já muda a coisa. Parece que fazer no meio de mais gente fica mais divertido, inda mais que era com pessoas que a gente gosta. Aqui me senti em família mesmo. Nunca vou esquecer essa experiência. Nem deu tempo de sentir que estava virando rotina, porque passou muito rápido. Fiz a minha parte pela comunidade, as meninas também. (TRU-8)

Para a terceira equipe, a titulação de “chefe” me foi agraciada, não por merecimento que levasse em conta meus dotes culinários (que são péssimos), mas porque elas necessitavam de um “bode expiatório” para ir comprar mantimentos, elevar o “moral” da mulherada e manter a ordem no acampamento pois, com o passar dos dias, os trabalhadores já começavam a ficar “abusados”.

Ao assumir “de fato” a cozinha, perguntei-me o que fazer com a “titulação” recebida. TRU-10, conhecedora dos meus dotes culinários, condeu-se do meu desespero e se autodenominou “sub-chefe-poderosa”, titulação pela qual ela fez questão de ser chamada até o final dos trabalhos da quinzena, o que foi a salvação de todas (e de todos). Ao final da quinzena, como de praxe, foram feitas as perguntas, e as respostas não diferiram das anteriores:

– Nossos relacionamentos sociais melhoraram demais. Antes a gente era só conhecidas, mas nessas duas semanas, que nós convivemos umas com as outras, nós melhoramos demais o relacionamento, conhecemos mais os problemas uma das outras, nós ficamos mais próximas. Aprendemos muito umas com as outras, e rimos demais. (TRU-10)

– Quebrou a rotina sim. Na casa da gente é sempre a mesma coisa. Levanta, faz café, cuida dos bichos, lava roupa. Tudo sempre igual. Aqui modificou o dia a dia. Aqui também nos últimos dias se transformou em rotina. Mas foi uma rotina diferente, nova, e a gente sabia que era por pouco tempo. Não era aquela coisa que a gente ia fazer a vida toda. É verdade que estamos um pouco cansadas, afinal, cozinhar assim, desse tantão, cansa. Mas não me arrependo desses dias doados aqui, não. Nos primeiros dias foi tudo novidade. Eu nunca havia cozinhado dois quilos de arroz de uma só vez no caldeirão (risos), mas em todos os momentos foi bom. (TRU-11)

– Foi divertido porque é quebra de rotina? – perguntei.

– Não achei que fosse quebra de rotina, porque a minha rotina é esta. O que quebrou foi o sentimento de monotonia. Aqui não foi monótono, foi divertido. A emoção foi outra completamente diferente. Inclusive até me surpreendeu eu ter gostado tanto, apesar da exploração e dos mandos da sub-chefe-poderosa (risos). (TRU-11)

Observei novamente importância da palavra “emoção” nos diálogos. Comecei a imaginar como seria com a próxima e última “trupe da boia”, pois era formada por “gatinhas” (moças bonitas, solteiras e bem sociáveis); ademais, soma-se a isto a já familiarizada intimidade entre trabalhadores, moradores e cozinheiras. Bom...

No terceiro dia dos trabalhos da equipe Sargentão (a última equipe), ao preparar o desjejum para os trabalhadores, um acidente interrompeu a alegria. A panela com água fervente virou sobre pernas e pés de TRU-13. Chamamos imediatamente o presidente da associação, para levá-la ao posto de saúde, haja vista que os acidentes com queimaduras são extremamente dolorosos. O acidente interrompeu o clima de harmonia. Após o acidente, o clima festivo já não era mais o mesmo. Senti que um elo havia se rompido. Estava sempre à espera de ouvir uma gargalhada, uma pilhéria, porém isso não ocorreu. Já não era mais divertido cozinhar. As brincadeiras já não tinham o vigor inicial. Esta equipe funcionou somente com três membros por quase toda a quinzena, além de mim, que procurava ser útil nas tarefas. Ao final do período, entrevistei-as: pedi para descreverem o período como “membro da trupe”.

– *No começo foi divertido. Serviço diferente. Ideias diferentes. Mas não foi a mesma coisa depois do acidente da TRU-13. – falou-me TRU-14.*

– E o que mais vocês acham que foi, sem contar o fato do acidente? Foi divertido? – voltei a instigá-las.

– *Sensação de gratificação, porque estamos fazendo algo para o bem de todos, então isto dá prazer. Estamos olhando mais o lado coletivo, e ele se sobressai. Estamos deixando de lado a nossa individualidade. Aqui no meio do nada, a gente tem que se unir, olhar de forma geral, agir por todos, senão estamos perdidas, já que estamos esquecidas (do poder público, segundo a conotação de TRU-15).*

– E naquele dia em que precisaram carregar água do igarapé, no balde, porque a bomba queimou, todas estavam exaustas. Mesmo assim foi bom? – voltei a perguntar.

– *Pqp. Aquele dia foi “broca”. No dia foi cansativo, mas hoje, ao me lembrar do fato, sinto que até aquilo valeu a pena. Essas situações imprevisíveis são até interessantes, faz a gente não pensar nas coisas rotineiras. As coisas imprevisíveis são divertidas. (TRU-14)*

– Quando o gás acabou, e improvisaram uma tremepe de pedra⁸, para terminar o almoço, porque [o] local mais próximo onde comprar gás estava fechado. Isto também foi divertido?

– *Ichi. Até que foi engraçado. Tudo de atrapalhado aconteceu no nosso turno. Acho que é o carma pesado da TRU-13; ela que “arrasta a cachorrinha pra tudo que é azar”. – provocou TRU-14. – Mas ainda bem que terminou, senão era capaz da gente perder até a cabeça por aqui. – concluiu.*

– *Ajudou, sim. Inclusive quero agradecer demais a vocês, pelo carinho que dedicaram a mim no meu acidente. Fiquei muito triste porque não ter participado o tempo todo da missão, vim só nesses últimos dias. Mas, com certeza, nós ficamos mais amigas depois dessa experiência. Me diverti, mesmo trabalhando, só não no dia que me queimei. Doe “pra chuchu” no dia, mas, no geral, foi muito bom mesmo. E, pra terceira pergunta... Sim... Quebrou a rotina, porque foi tudo diferente. (TRU-13)*

– *Mas não precisava ter se queimado só pra fugir da cozinha, né? – provocou TRU-15.*

Agradei a todas pela experiência de que me permitiram fazer parte. Foi cansativo, foi divertido, foi lazer em meio ao trabalho, e foi enriquecedor observar que na força coletiva a comunidade caminha para um melhor acesso ao ir e vir, pela melhoria da comunidade, pelo benefício de terem estradas mais transitáveis, pelos risos ouvidos e emitidos.

b) O puxirum da mandioca

Para os puxiruns tradicionais existem controvérsias, por haver uns que trabalham menos que outros. Porém, independentemente dos prós e contras, a socialização é elemento presente nessa forma de trabalho. Existem os que são feitos durante o dia; outros, à noite; e outros, ainda, pela madrugada. Essas escolhas são selecionadas no Tarumã Mirim levando-se em consideração, principalmente, as condições climáticas, e têm assiduidade naquele assentamento, formando elementos pertinentes à cultura local.

A cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, às suas necessidades e aos seus projetos, conforme citado por Cuche (2002). No projeto de assentamento Tarumã Mirim, tal fato não difere da teoria mencionada. Cada cultura é dotada de um “estilo” particular, que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, da arte, e também influi sobre o comportamento dos indivíduos, quer no convívio social, quer nas relações de trabalho, quer nos momentos de lazer.

Ao nos referirmos às relações de trabalho, entendemos que toda relação do homem com a natureza é portadora e produtora de técnicas que se foram enriquecendo (Santos, 2013, p. 62), diversificando e avolumando ao longo do tempo. Essas técnicas se incorporam também na execução da bricolagem.

Em parte da execução da pesquisa de campo, eu (Águida) me “imersa” nas atividades dos assentados, para melhor assimilação ao dito e observado. Durante parte desse período, participei de diversos puxiruns (ou mutirões), tais quais os puxiruns comunitários, os do dia, os da noite e os da madrugada. Dentre esses, houve um que me chamou bastante atenção: o puxirum do dia, na fabricação artesanal da farinha, principalmente pela bricolagem observada naquela atividade, tanto pelo aspecto social que tal função demanda na comunidade, quanto pela possibilidade econômica que futuramente poderá advir do resultado do produto desenvolvido.

Tal bricolagem consiste no aproveitamento dos excedentes da mandioca, quando das ações de farinhagem no lote de ENT-2. Impressionei-me ao observar a técnica da “artesã da mandioca”, como ela é alcunhada na comunidade, por “brincar” com as diversas derivações da mandioca, após os trabalhos tradicionais da fabricação da farinha e seus complementares (que geram renda econômica). O resultado das suas bricolagens, relatados em seguida, é distribuído gratuitamente à comunidade, sendo de utilidade pública, inclusive as técnicas para o desenvolvimento dos produtos gerados são ensinadas a quem se interessar pelo processo. A parte líquida que é colhida na prensagem da mandioca é um líquido amarelado (manipueira), que ENT-2 utiliza para fazer a sua bricolagem em diversas fabricações, que transformam-se em quatro produtos:

- a) Transformando a manipueira em tucupi: há duas formas de preparar o tucupi, conforme acompanhei. Uma delas foi através da sua fermentação, e a outra, através do cozimento, ambas com o objetivo de eliminar as toxinas (ácido cianídrico) existentes no líquido. Na fermentação, a manipueira foi reservada em um recipiente, deixada no sereno por três noites e depois fervida com alho, sal, pimenta-de-cheiro e coentro. No cozimento, ela foi fervida por aproximadamente 1 hora (pois não houve a fermentação) e, após seu resfriamento, recebeu os condimentos apropriados;
- b) Transformando a manipueira em fertilizante: é adicionado o mesmo tanto de água (na proporção de 1 para 1) e após 24 horas a mistura está pronta para ser aplicada no solo, deixando-o descansar por duas semanas. Após esse período, o solo está fertilizado, aí é só plantar o cultivo que desejar;
- c) Transformando a manipueira em pesticida: é adicionada 1 medida para cada 5 litros de água, então o produto pode ser utilizado para o controle de pragas nas folhas das hortaliças, após pulverização. Segundo ENT-2, as pragas não atacam as folhagens, que se desenvolvem de forma saudável e podem ser consumidas pelos indivíduos, sem danos à saúde;
- d) Transformando a manipueira em carrapaticida: ENT-2 me relatou ainda outros benefícios de produtos originados da manipueira, tais como carrapaticida para cães (na proporção de 1 para 1) e veneno para formiga (puro, coloca-se no formigueiro e veda-se a entrada).

Apesar da exaustão após a fabricação tradicional da farinha, tapioca, goma e polvilho, ela ainda encontra disposição para a bricolagem, entre risos e concentração, preparando para si e para a comunidade os benefícios advindos dos restos do processamento da farinhagem, levando proveitos à comunidade, pela gratuidade da sua ação, desenvolvendo atividades que demandam técnicas específicas e prazer na execução.

Ao final do puxirum da mandioca (todo o processo entre o arranque do tubérculo, o molho e a torrefação teve a duração de uma semana), inquiri os participantes: por que, após uma lida exaustiva no processo da farinhagem, vocês ainda “se envolvem” nessa “brincadeira”, que não vai dar lucro pra nenhum de vocês?

– *Quem disse que não vai dar lucro? Você não viu como é divertido? E é útil também... Quantos mandiocais a*

gente contribui pra florescer? Quantos canteiros a gente não impede que as formigas vão lá e toram tudo? Quantos molhos gostosos a gente distribui pra gente daqui, nesses tucupizinhos? Isso é lucro pra nós e pra todos da comunidade (ENT-2);

– Nós aqui vivemos um ajudando o outro, porque a nossa principal força é a solidariedade, e isto que fazemos após os processos da farinha tem tanta ou mais importância que a própria farinha fabricada. A farinha é vendida, quem compra come... e pronto. O que a gente faz depois, que são esses processos que a gente distribui gratuitamente pra nossa comunidade, além dos benefícios em geral, também traz a sensação de estarmos fazendo mais do que se espera da gente (ENT-35, líder da comunidade pesquisada);

– Faz um bem danado a gente ver a cara de satisfação daqueles que a gente entrega esse adubo natural, esse fertilizante. Acho que faz mais bem pra gente mesmo. É uma sensação de dever cumprido. Muitos dos assentados aqui não têm dinheiro pra comprar os adubos químicos, os inseticidas, e a gente ajuda eles e ainda por cima ajuda a natureza, por não estar poluindo nossos igarapés [com] venenos industrializados, então isto é lucro (ENT-1);

– É verdade que depois da farinha a gente “tá morto”, então essa parte que a gente faz sem pensar no lucro às vezes é o que mais diverte a gente. Até os cachorros lucram com esta “brincadeira”, porque se livram dos carrapatos (risos). Vale a pena sim. É como um lazer, depois de uma lida muito cansativa. Quando terminamos tudo e vamos cuidar da nossa própria lavoura, levamos a farinha, os adubos, os inseticidas, e a certeza que demos o melhor de nós mesmos, pra o bem de todos. Isto é gratificante. Sempre fazemos isto e sempre sentimos que estamos colaborando com todos. A gente sai renovada desses encontros (ENT-13).

Em diversos outros momentos foram detectadas atividades que seriam classificadas como semilazer ou bricolagem. Sugerimos, portanto, estudos mais aprofundados futuramente, acerca dessa temática, praticada assiduamente na zona rural. Para aquele momento não couberam maiores aprofundamentos neste trabalho, por fugirem ao contexto coletivo, mas descrevo rapidamente um que me provocou grande espanto: capinar (ou capinar). Estranhei, é óbvio. Inquiri um dos participantes. “Desde quando capinar é lazer? Não seria trabalho?”, ao que o entrevistado respondeu-me tranquilamente (e com sabedoria):

– Ora, dona, capinar como trabalho os trabalhadores fazem. Vão pra roça, capinam de sol a sol. Pra mim não é obrigação. Pego minha enxadinha, vou na horta, no jardim, fico capinando sem pressa, o tempo passa que eu nem percebo. Quando me dou conta, já é até hora do almoço, quando a bruaca (ele se referia à esposa) me chama pra comer. Então pra mim não é trabalho, é lazer. O que vai definir se é trabalho ou lazer não é o ato, é a emoção com que pratico a ação. (ENT-39)

Repensei, e absorvi esta informação, porque o conhecimento empírico também é ciência, que devemos considerar e respeitar. Conforme relata Boaventura de Sousa Santos (2007, p. 46), pesquisas realizadas em universidades brasileiras vêm constatando a exatidão de achados do saber popular. Discussões assim podem ajudar as classes populares a ganharem confiança em si ou a aumentarem o grau de confiança naquilo que sabem.

O fator solidariedade, observado no decorrer da pesquisa, também nos reporta a Santos (2013, p. 129), ao relatar que, na luta cotidiana pela sobrevivência dos indivíduos sem elevados recursos financeiros, os “não possuidores”, segundo suas palavras, não têm força na individualidade. A sobrevivência só é assegurada porque as experiências coletivas se desenvolvem. É com essa força coletiva, ao lado da busca de bens materiais finitos, que cultivam a procura de bens infinitos como a solidariedade e a liberdade: estes, quanto mais se distribuem, mais aumentam, e, nos ajuntamentos observados, a solidariedade constituiu as bases sólidas para os trabalhos coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa de campo, observamos o semilazer desenvolvido de forma ativa na comunidade pesquisada, em benefício social e aproveitamento pessoal, a partir do renovar das emoções e contribuições à

comunidade, porque as interdependências se encontram ativas nas relações entre os indivíduos. Podemos constatar o imbricamento entre trabalho e lazer.

Em todos os momentos foram perceptíveis a utilização de técnicas, a essencialidade de ferramentas para o desenvolvimento das atividades, a gratuidade nas ações, porém dois “equipamentos” foram extremamente relevantes: as mãos e a solidariedade, a desenvolver a riqueza local, constituída principalmente de união, amizade, companheirismo e preocupação social pelos membros envolvidos no bem-estar e subsistência entre eles.

No resultado deste estudo, constatamos que diversos são os “gatilhos” que acionam os sentimentos de prazer e bem-estar que renovam as emoções dos sujeitos pesquisados. A socialização é a principal “mola propulsora” que “dispara” as emoções. Em virtude da ausência de ambientes sociais previstos em políticas públicas mundiais de responsabilidade formal do Estado, para o também entretenimento da comunidade rural, o voluntariado para o alcance do trabalho com satisfação, lazer e/ou bricolagem comunitária se apresentam como as principais formas de socialização e bem-estar, numa dialógica do trabalho com o lazer.

Nas duas situações há demonstrações que ativam os “gatilhos emocionais”; destacaram-se o riso, as piadas e a sensação de estar contribuindo para o bem-estar comunitário. Comunicações consentidas de certa intimidade, em busca do humor e da distração durante um tipo de trabalho, o que o torna prazeroso.

Concluimos que a Afatam não é uma comunidade perfeita, nem a bricolagem comunitária no voluntariado é a solução para todos os problemas, mas a solidariedade ameniza as necessidades existentes e a amizade contribui para solucionar diversos problemas sociais e pessoais. Isto nos demonstra que não são somente os bens materiais ou a elitização em busca do renovar das emoções que proporcionam situações prazerosas na vivência comunitária.

REFERÊNCIAS

- BRAMANTE, Antônio Carlos. Lazer: concepções e significados. In: Licere, Belo Horizonte: CELAR/UFMG, v. 1, n. 1, pp. 09-17, set. 1998. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/4226/3107>>. Acesso em: 11 fev 2017.
- BRASIL – Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>>.
- CUCHE, Denys. A noção da cultura nas ciências sociais. 2.ed. Bauru: Edusc, 2002.
- DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer. 3.ed. São Paulo: Perspectiva:SESC, 2008.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador. V. 1 Uma história dos costumes. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Rio de Janeiro: Difel, 1992.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Objetiva: Rio de Janeiro, 2010.
- JAMES, William. As emoções. Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, vol. 11, n. 4, São Paulo, dez. 2008. doi.org/10.1590/S1415-47142008000400013. Ensaio. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000400013>. Acesso em: 27 nov 2016.
- LOMBARDI, Maíra Ivone. Lazer como prática educativa: as possibilidades para o desenvolvimento humano. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MATOS, Gláucio Campos Gomes de. Ethos e figurações na hinterlândia amazônica. Manaus: Valer/FAPEAM, 2015.
- MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Ensaios em antropologia histórica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo,

2007.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 23.ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ZIOLI, Osni. O lazer dos agricultores familiares promotores do turismo: o caso do Roteiro Turístico Caminhos dos Marrecas no Sudoeste do Paraná. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. 2015. 175 f. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1506/1/PB_PPGDR_M_Zioli,%20Osni_2015.pdf>. Acesso em: 23 nov 2016.

Pesquisa desenvolvida com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

¹Tema abordado em um seminário no SESC/SP, 1976, por Dumazedier ao seu corpo técnico, relatado por Bramante (fonte: <http://cev.org.br/biblioteca/gestao-do-semi-lazer> qual descreve sua experiência com o semilazer.

² Palavra formada pelas letras ou sílabas iniciais de várias outras palavras. No referido contexto, o nome da comunidade escolhida foi um pseudônimo que não a identifique, porém que detenha o significado do objeto pesquisado – a Agricultura Familiar no Tarumã Mirim, que forma o acrônimo AFATAM. Os acrônimos são escritos em letras maiúsculas, porém neste trabalho o nome da comunidade apresenta-se em minúsculo, exceto a primeira letra, como se fosse uma palavra própria, identificando-a.

³ Alusão ao texto de Geertz, no qual ele descreve que uma piscadela possui diversas maneiras interpretativas, dependendo do contexto em que foi praticada: é uma insinuação; um tique nervoso; uma imitação.

⁴ Nome designado ao agrupamento de mulheres que cozinhavam, em um acampamento alocado na associação dos moradores da comunidade, para os trabalhadores da recuperação das vicinais. Utilização da sigla TRU- e a numeração sequencial.

⁵ Após a fervura da água com óleo e temperos, joga-se o arroz dentro, e, após cozido, escorre-se.

⁶ Palavreado obsceno, com muitos palavrões e palavras de conotação sexual. Fonte: www.dicionarioinformal.com.br/significado/linguajar%20chulo/4426/.

⁷ Mesmo sentido da nota de rodapé anterior.

⁸ Formação de fogareiro com três pedras, para apoiar a panela.

RESUMO

Geralmente a vida se distribui entre trabalho e lazer, mas há momentos entre um e outro que há intermediários denominados semilazer, ou bricolagem. Em zonas rurais em Manaus-AM, não há oferta de políticas públicas de entretenimento consolidadas, e o lazer se imbrica em meio ao trabalho. A metodologia foi etnográfica, com a técnica da observação participante no Projeto de Assentamento Tarumã Mirim, em Manaus, onde analisamos essas atividades intermediárias: com mulheres organizadas em trupes, que doaram seu tempo para cozinhar, e em puxiruns de farinha. As atividades foram executadas em tempo livre, e as pessoas participaram voluntariamente dos puxiruns. Ficou nítida a interconexão do renovar das emoções, através do bem-estar, nas duas atividades. Neste caso, o renovar das emoções ocorreu em atividades diferenciadas das da zona urbana, tais como as bricolagens que envolveram trabalho e lazer simultaneamente. Foi encontrado um renovar dialógico de emoções nas atividades produtivas para a comunidade.

Palavras-chave: Lazer; trabalho; semilazer; bricolagem; voluntariado.

A TRUPE DA BOIA E PUXIRUNS DE MANDIOCA: TRABALHO, RECREACIÓN Y /EL BRICOLAJE EN UN ASENTAMIENTO EN MANAOS,

RESUMEN

Generalmente la vida se distribuye entre trabajo y recreación, pero hay momentos entre uno y otro que hay intermediarios denominados semirecreación, o bricolaje. En zonas rurales en Manaus-AM, no hay oferta de políticas públicas de entretenimiento consolidadas, y el recreación se mezcla en medio del trabajo. La metodología fue etnográfica, con la técnica de la observación participante en el Proyecto de Asentamiento Tarumã Mirim, en Manaus, donde analizamos esas actividades intermediarias: con mujeres organizadas en grupos, que donaron su tiempo para cocinar, y en tirantes de harina. Las actividades se realizaron a tiempo libre, y la gente participó voluntariamente en los tirones. Quedo claro la interconexión del renovar de las emociones, a través del bienestar, en las dos actividades. En este caso, el renovar de las emociones ocurrió en actividades diferenciadas de las de la zona urbana, tales como los bricolajes que involucraron trabajo y recreación simultáneamente. Fue encontrado un renovar dialógico renovador en emociones en las actividades productivas para la comunidad.

Palabras claves: *Recreación; trabajo; semirecreación; bricolaje; voluntariado.*



ÁGUIDA MENESES VALADARES DEMÉTRIO

Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2017); Especialização em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas - CIESA (2013); Graduada em Ciências Contábeis - CIESA (2001); Experiência na área comercial (empresária no ramo de supermercado); Agente da Pastoral da Sobriedade (atuando em apoio a dependentes químicos e familiares); Escritora (7 obras publicadas sobre as consequências ao uso abusivo das drogas psicotrópicas); Palestrante (orientações sobre relacionamentos familiares).



RITA MARIA DOS SANTOS PUGA BARBOSA

Natural de Manaus-AM, Licenciada, Doutora e Pós doutora em Educação Física. Técnica em Atletismo; especialista em Administração Desportiva; Gerontóloga. Mestre em Ciência de Alimentos; e em Educação. Foi docente FEEF-UFAM 1984/2015; Docente credenciada no Programa de Pós-graduação de Sociedade Cultura da Amazônia-UFAM. Autora de livros em educação física gerontológica, imagem corporal, estilo de vida de adolescentes do Amazonas, empreendedorismo na educação física, história de educação física no Amazonas e atletismo

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-
413005, Maharashtra
Contact-9595359435

E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com